

“Tudo no Império eram angústias e incertezas”: Terra e trabalho no romance *A mocidade de Trajano* (1871)

Palavras-Chave: Literatura, História, Mocidade de Trajano.

Autores:

Fernando Costa Luchiarri - UNICAMP

Prof. Dr^o Rodrigo Camargo de Godoi (orientador) - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa propõe uma leitura do romance *A mocidade de Trajano* na perspectiva da História. Publicado originalmente em 1871, sob o pseudônimo Sylvio Dinarte, esse foi o primeiro romance de Alfredo d'Escragno Taunay. Na obra, o autor estabeleceu um denso diálogo com o período atravessado pelo Império entre fins da década de 1860 e início da década de 1870, com ênfase para os projetos reformistas que envolviam questões ligadas à posse da terra e à organização do trabalho. Neste sentido, o romance destaca-se por integrar os debates sobre os caminhos pelos quais o país deveria trilhar para alcançar o tão almejado progresso. Desse modo, buscamos demonstrar como o Visconde de Taunay participou desses debates político-ideológicos por meio de sua produção literária.

METODOLOGIA:

Metodologicamente, esta pesquisa ancora-se na relação entre História e Literatura proposta por Thompson, que consiste na análise da obra em diálogo com a trajetória do autor e o contexto histórico em que fora produzida. Neste estudo, portanto, tomamos como documento histórico a literatura e sua relação com a escrita da História.

Autor de *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*, para Edward Thompson, poetas e romancistas devem ser compreendidos com base em sua experiência histórica, visto que a literatura não é parte isolada da sociedade. Pelo contrário, ela participa da conformação da realidade inserindo-se nos debates de seu tempo. Nesse sentido, as obras literárias não devem ser apreendidas fora de seu contexto de produção e circulação. As análises de Thompson propõem compreendê-las por meio de estudos dos embates sociais mais amplos, em meio aos quais tais obras literárias são

produzidas. Como afirma o historiador inglês “se os críticos exigem apropriadamente uma disciplina de leitura (palavras dispostas numa ordem), os historiadores deviam, com o mesmo direito, exigir sua própria disciplina (palavras num contexto)” (THOMPSON, 2002, p. 172).

Desse modo, o ponto de partida deste trabalho é a constatação da impossibilidade da transcendência da literatura. Ao contrário, acreditamos em sua capacidade de dialogar com a sociedade em que foi gestada. Por isso, o romance *A mocidade de Trajano*, que foi ainda pouco estudado no âmbito da História, foi abordado aqui como fonte histórica capaz de permitir a investigação dos movimentos da sociedade que a concebeu. Sendo assim, Alfredo de Taunay pode ser analisado como um sujeito histórico historicamente condicionado na crise do segundo reinado e membro de uma geração de “políticos-intelectuais” que se engajaram na esfera pública se apropriando de várias ferramentas, dentre elas a literatura, com o objetivo de debater os temas principais que visavam o desenvolvimento e progresso de um país ainda em formação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

No desenrolar das atividades desta pesquisa, dediquei-me, a princípio, em fazer a leitura da literatura especializada sobre o contexto histórico em questão. Para tanto, selecionei as obras que abordam principalmente o surgimento de ideias reformistas durante as últimas décadas do Império. Entre elas, cabe destacar os livros *Ideias em Movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil* de Angela Alonso e *Clamar e agitar sempre: os radicais da década de 1860* do historiador José Murilo de Carvalho. A obra *História do Brasil Império* de Miriam Dolhnikoff ajudou-me também nesse processo, sobretudo por abordar de maneira sucinta os principais eventos históricos que marcaram a História do Império.

A partir do olhar dos autores acima mencionados, busquei entender a conjuntura política brasileira no momento em que fora escrito e publicado o romance em questão. Assim, pude entender melhor as dinâmicas políticas e sociais em que se insere a obra literária de Alfredo Taunay. Era um momento de crise do regime monárquico e de contestação à Ordem Imperial que havia se formado sob o domínio da elite saquarema. Um momento no qual estavam em jogo variados projetos de reforma do Estado, do sistema político, do sistema de trabalho e, sobretudo, de um modelo de sociedade que almejava o progresso, fosse ele baseado nos modelos estadunidenses ou nos europeus. 1871, ano em que foi publicado *A Mocidade de Trajano*, é também a data em que foi aprovada, sob um gabinete conservador, a Lei do Ventre Livre. Esse paralelo é importante, pois este fato já nos dá algumas pistas sobre o intenso processo de mudanças que estava ocorrendo no país naquele momento.

Ao longo do século XIX, todas as características da sociedade brasileira herdadas do período colonial começaram a sofrer transformações. Mesmo a elite tendo se empenhado em manter as estruturas hierárquicas que sustentavam seu poder, surgiram fissuras no processo de formação do Estado que permitiram que membros advindos de diversas camadas sociais contestassem a ordem imperial.

E são esses questionamentos que principalmente nos interessaram ao longo desta pesquisa. De que forma configurou-se uma crise social e econômica que permitiu o surgimento de tais fissuras? Compreender essa crise e os debates que emergiram nesse período, especialmente na segunda metade do século XIX, nos permitiu entender o contexto em que surgiu o nosso objeto de estudo. O romance *A Mocidade de Trajano* integrou um quadro mais amplo no qual eram propostas reformas que, por sua vez, dialogavam com os debates sobre os projetos de transformação social que surgiram sobretudo entre os fins da década de 1860 e o início da década de 1870.

CONCLUSÕES:

O romance *A Mocidade de Trajano* foi escrito anos antes da aprovação da Lei do Ventre Livre e publicado pela primeira vez em 1871. A ação romanesca passa-se na região entre Jundiaí e Campinas e o enredo sugere que a obra foi produzida a partir das memórias que Alfredo de Taunay guardava acerca desta região do interior paulista. O autor havia se hospedado em Campinas durante dois meses, em meados de 1865, quando do seu ingresso como engenheiro militar junto às forças expedicionárias que saíram do Rio de Janeiro em direção à fronteira com o Paraguai, no início da Guerra da Tríplice Aliança.

Nascido no Rio de Janeiro, em 1843, e descendente de uma família francesa, Alfredo d'Escragolle Taunay era filho de Félix Emílio Taunay, o Barão de Taunay e neto de Nicolau Antônio Taunay, pintor que chegou ao Brasil com a Missão Artística Francesa, em 1818. Ele foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde instituiu a cadeira que tem como patrono Francisco Otaviano. Taunay destacou-se como militar, político, romancista e memorialista.

Como procurei demonstrar nos parágrafos acima, o período em que a obra foi escrita e publicada, coincidente com a ascensão de debates sobre temas que eram considerados fundamentais para o desenvolvimento político, social e econômico do país. Sendo assim, não é em vão que em seu romance, Alfredo de Taunay tenha mencionado por diversas vezes os debates políticos que ocorreram nesse período da História do Brasil.

Ao tornar-se fazendeiro, o protagonista do romance, Trajano Sobral, buscou implementar uma infraestrutura moderna que aumentaria a produção de café na fazenda da Mata Grande. Como

consta no romance, o jovem pensava muito no bem estar de seus escravos e em maneiras de modificar o sistema de agricultura com base na colonização.

Após longos meses de viagem pela Europa, Trajano voltou ao Brasil a pedido do pai, preocupado com os rumos que tomavam os negócios da fazenda, sobretudo o manejo da escravaria. Recorrentemente a Mata Grande era assolada pelas rebeliões dos cativos. Ainda que sob grande violência, já era praticamente impossível controlá-los. Conseqüentemente, a produção nas terras da família diminuía a cada ano. Trajano então assumiu a gerência da fazenda rapidamente. A novidade foi que o rapaz decidiu modernizar fazenda Mata Grande, o que incluía enfrentar o problema da escravidão. Mas as notícias que chegavam acerca da Guerra do Paraguai entusiasmaram o rapaz. Antes de partir para a luta, o jovem entregou a gerência da casa grande e da fazenda a colonos portugueses. Pouco tempo depois, chegava a Campinas a notícia da morte de Trajano no Paraguai. Em seu testamento, o sinhô-moço da Mata Grande alforriava todos os escravos e ordenava que suas terras fossem divididas e distribuídas entre os colonos europeus. “Não tenho herdeiros forçados“, dizia o documento, “Minha herança pertence à liberdade. aquela fazenda da Mata Grande há de mudar de nome: chamar-se-á - da Esperança! Ouviste?” (TAUNAY, 1871, p. 244).

Como demonstra Angela Alonso, no livro *Ideias em Movimento*, devido a inexistência de um campo intelectual autônomo no século XIX brasileiro, toda manifestação intelectual era imediatamente uma posição política. A experiência dos membros do movimento intelectual da geração 1870 era, portanto, política. Por isso, esta autora busca empreender uma análise coligada da experiência social da geração de 1870 e de seus textos. Angela Alonso se recusa a tratar a geração de 1870, como políticos ou intelectuais, apenas. Sua abordagem prefere focar na relação, para ela intrínseca, que havia entre essas duas posturas naquele período.

Sendo assim, o movimento intelectual que emergiu durante a crise do Império não é apenas um movimento “de ideias”, tão pouco é formado por “intelectuais” isolados. Embora o processo seja percebido pelos agentes como o de filosofias tomando mentes, são os agentes sociais que selecionam e utilizam teorias explicativas vindas de fora (ALONSO, 2002, p. 39).

O que faz muito sentido na própria trajetória de Alfredo de Taunay, um político atuante que produziu literatura para se engajar nos debates políticos do período histórico em que viveu. Como afirma Alonso, “a inscrição da produção doutrinária do movimento intelectual no processo sociopolítico em que surge lhe confere nova inteligibilidade: a própria redação de seus textos revela uma forma de ação. Assim, se vislumbra o sentido principal dos escritos do movimento da geração de 1870: eram formas de intervenção política.” (ALONSO, 2002, p. 39).

Portanto, esta pesquisa busca corroborar a hipótese de que a reforma agrária que Trajano prescreveu em seu testamento, a libertação dos escravos da fazenda da Mata Grande e a substituição desta força de trabalho pela mão de obra livre dos colonos europeus, foram elaborados a partir de estreitos diálogos com os debates que estavam em voga entre os intelectuais reformistas da segunda metade do século XIX.

REFERÊNCIAS

Fontes

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle, Visconde de. *A mocidade de Trajano*. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1871.

_____. *A Mocidade de Trajano*. 2a. ed. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1984.

Bibliografia

ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. *Clamar e Agitar sempre: os radicais da década de 1860*. 1a ed. Rio de Janeiro, Topbooks, 2018.

DOLHNIKOFF, Miriam. *História do Brasil Império*. 3a ed. São Paulo, Contexto, 2020.

THOMPSON, Edward Palmer. *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Lisboa: Typ. da Ilustração, 1929.